

A trajetória de uma história do sertão das gerais

*Maria Clara Tomaz Machado*¹

¹ Professora Titular dos Cursos de Graduação e Pós Graduação do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, coordenadora da Diretoria de Comunicação Social (DIRCO). Suas pesquisas concentram-se nas áreas de cultura popular, cidade e vídeo documentário e tem diversos livros e artigos publicados sobre as referidas temáticas.

[...] Qualquer narrativa que relate “o que se passa” (ou o que se passou) institui algo de real, na medida em que se considera como a representação de uma realidade (do passado). Ela baseia sua autoridade no fato de se fazer, passar pela testemunha do que é, ou do que já foi; ela seduz e se impõe através dos acontecimentos dos quais pretende ser a interprete. [...] o real representado não corresponde ao real que determina sua produção. Ele esconde por trás da figuração de um passado, o presente que o organiza. (Michel De Certeau. *História e Psicanálise, entre História e Ficção*, p. 49).

Ao tecer esse memorial lidamos com o passado de uma forma muito particular, as evidências que vivenciamos agora são nossas. Ao vasculhar e prescutar o tempo, percebemos quando a vida pessoal se cruza com a vida profissional e, mais do que isso, quanto é rápido nosso percurso e a oportunidade de olhar para trás e, portanto, admitir que diante da infinitude o que vale mesmo são as nossas ações que perdurarão.

Considero necessário explicitar minha trajetória na Universidade Federal de Uberlândia por ser diversa dos meus companheiros do Instituto de História que participaram deste ou de futuros concursos para titulação. Em setembro de 2014 completarei 38 anos como professora dessa instituição. Todavia, ao longo da minha carreira passei por vários estágios ou regimes de trabalho. Em 1973, como graduada em História pela Universidade de Uberlândia (criada em 1969, Decreto

nº. 762/MEC) e também licenciada pelo Conservatório de Música (1ª Escola Superior de Música, 1957) passei no processo seletivo para lecionar História da Música, Folclore, História da Arte e Piano neste estabelecimento.

Aqui vale mencionar que a UFU só se tornou uma Instituição de Ensino Superior – IES – federal em 1978. Antes disso, desde a década de 1960 a cidade de Uberlândia, com a pretensão de tornar uma cidade universitária, criou várias faculdades, entre elas o Conservatório² foi considerado o primeiro curso superior, reconhecido pelo Ministério da Educação – MEC, Portaria – Min. nº.3.118/70 (Instituto Villa Lobos), com direito a lecionar no ensino fundamental, médio e graduação (Anexo I)³. Em 1976 já terminando o curso, agora na Faculdade de Música e Artes, da Universidade de Uberlândia fui convidada a participar do corpo docente destes cursos ministrando as mesmas disciplinas do conservatório. Desde setembro de 1976 passei a ser docente dessa IES com carteira de trabalho assinada (anexo II). Entre os anos de 1970 e 1978 para complemen-

² ALTAFIM, Juarez. *Temas de uma vida*. Uberlândia: Editora Zardo Ltda, 2011, p.160.

_____. *Primeiros Tempos: O início da Universidade Federal de Uberlândia*. Uberlândia: EDUFU, 1997.

CAETANO; Coraly Gará e DIB, Miriam Fuchel Cury. *A UFU no imaginário social*. Uberlândia: EDUFU, 1988. p.15-20.

³ Em 1968 o Conselho Federal de Educação mudou o nome do Conservatório Musical de Uberlândia para Faculdade de Artes e o conservatório passou a ser uma escola estadual e em 1969 entramos para o rol das faculdades da Universidade Federal de Uberlândia.

tação de salário lectionei em muitas escolas do ensino fundamental e médio, além do Conservatório de Música e Faculdade de Música.

Entre os anos de 1970 a 1978 para complementação de salário lectionei em diversos estabelecimentos de ensino fundamental e médio em escolas estaduais e também em colégio particular como professora contratada. Só em 1978 quando a UFU se federalizou (Decreto nº. 6.532-Mec) passei a fazer parte do curso de História, 40 horas Dedicção Exclusiva de todas as outras atividades complementares. É bom assinalar que quando da federalização a UFU, apesar de federal, era uma fundação com um regime de trabalho próprio, cuja escala obedecia a um padrão interno com professores classificados entre professor nível 1 até o nível 10, CLT. Apenas em 1992, no governo Collor, a UFU passou para o regime de autarquia e todos os professores da UFU foram reclassificados, cabendo a mim o enquadramento em adjunto 4. Cabe dizer que a maior parte dos professores da UFU se converteu em “titulares sem título”.

Defendi o meu mestrado pela USP em 1990 e o doutorado (USP) em 1998 - agora sim, equivalendo as exigências de Adjunto 4. Entretanto, a norma para ascensão a titular só poderia ser requisitada 4 anos após a defesa do doutorado. Justamente quando era possível o concurso para titular o Ministério da Educação - MEC congelou todas as vagas para o Brasil como um todo. Em

2006 frente a última proposta do MEC de progressão na carreira enfrentamos oito(8) anos com a criação da figura do professor Associado 1 a 4, com dois anos entre cada nível. Em suma, passaram-se 12 anos para que chegássemos a esse momento e reivindicamos a progressão para professor titular. Esses últimos 12 anos de direito nosso para titulação que nos foram surrupiados, permitiram por outro lado que fôssemos agraciados com o abono permanência, o qual nos incentivou a continuar quase como semi-aposentados, pois só o recebe aquele que tem direito a aposentadoria e continua perseverando em busca do título de titular - que é meu caso.

Nesses 38 anos além dos diversos cursos ministrados assumimos cargos na administração superior. Entre eles, de 1990 a 1992 coordenamos o centro de documentação e pesquisa em História - CDHIS, quando restauramos o primeiro prédio da UFU, antigo seminário e o readaptamos de acordo com as exigências arquitetônicas para tal fim. Entre os anos de 1998 e 1999, como vice-chefe de departamento e presidente da comissão de elaboração do programa de Pós-graduação em História, aprovamos na Capes o curso de Mestrado. Coordenamos este programa entre 1999 a 2004, já deixando encaminhado o curso de doutorado aprovado também pela Capes com nota 4.

De 2004 a 2008, dirigimos a Editora da Universidade Federal de Uberlândia - EDUFU que foi reestruturada,

associada à Associação Brasileira de Editoras Universitárias - ABEU, publicando à época 140 livros das muitas IES do país e internacionais e mais de 20 títulos de revistas, cadastradas no SEER-IBCT-CNPQ com excelente avaliação no Qualis - CAPES.

De 2008 criamos e, até o momento, coordenamos o Laboratório de Vídeo Documentário e Cultura Popular - DOCPOP, produzindo diversos eventos, atividades de extensão, pesquisas, além de vídeo documentário. Desde abril de 2013 estamos à frente da Diretoria de Comunicação Social - DIRCO, coordenando as áreas de TV, rádio, portal Comunica UFU e do Jornal mensal da UFU.